

O poeta, o pintor e o mundo

O maior festival internacional de teatro de Portugal leva a Almada 25 espetáculos em duas semanas. Robert Wilson é a estrela maior e Carlos Avilez o homenageado deste ano

TEXTO JOÃO CARNEIRO



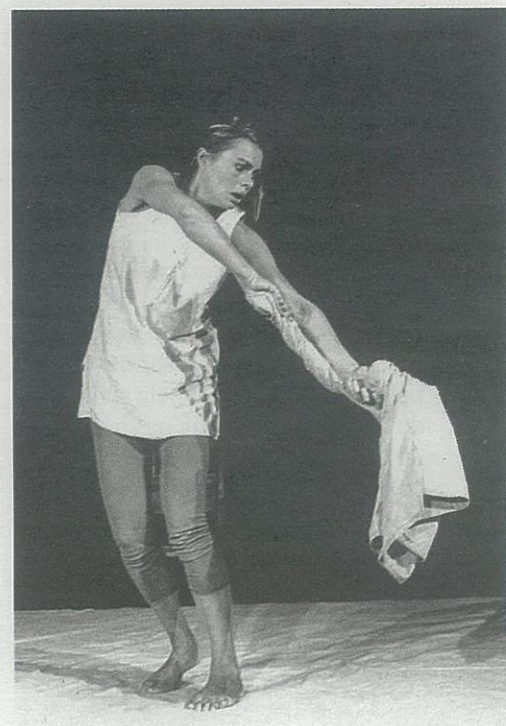
Durante a apresentação à imprensa do Festival de Almada, que decorreu no passado dia 14, a presidente da Câmara de Almada, Inês de Medeiros, afirmou, no contexto da sua intervenção, que o FA era “o maior festival de teatro de Portugal”. Um pouco antes, Teresa Gafeira, uma das diretoras da Companhia de Teatro de Almada, referira uma passagem da peça “Timão de Atenas” (que Rodrigo Francisco, o diretor do Festival, por sua vez citava no seu texto de apresentação do FA). É logo no início da peça, e um poeta pergunta a um pintor “como vai o mundo?”; o pintor responde que “vai crescendo e envelhecendo”. E assim, dado

que se trata, efetivamente, do maior festival internacional de teatro de Portugal — são 25 espetáculos em duas semanas, mas a medida aqui não é meramente quantitativa, é essencialmente qualitativa —, o que o tom e a natureza dos ‘discursos de circunstância’ fizeram foi convocar ao nosso espírito coisas que são essenciais, que são elas que tornam o Festival assim tão grande; falo da convocação de figuras, poetas, pintores, escritores, atores, pensadores; e por extensão associativa, falo também de outras coisas convocadas pela peça de Shakespeare: a generosidade, a vaidade, a amizade, o amor, a tristeza, o ressentimento, o perdão; o ouro; o ouro simbólico, figura de perfeição, de felicidade; e o ouro monetizado, funcional, agente de conflitos, paixões, reflexões. O Festival de Almada deu a conhecer ao público português muitos artistas e criadores teatrais de primeira importância — Peter Brook, Giorgio Strehler, Peter Zadek, Patrice Chéreau, Peter Stein são apenas

alguns exemplos. Este ano, os ‘grandes nomes’ figuram, essencialmente, na pessoa de Robert Wilson — não é a primeira vez que vem a Portugal, mas já passaram uns anos, e nada se pode comparar à repetição daquilo que é verdadeiramente bom. É também importante que visitas destas aconteçam porque, de há alguns anos para cá, a memória das coisas, das pessoas, das obras e dos saberes desaparece a uma velocidade alarmante, que só é comparável à velocidade com que se fala, justamente, de memória e da importância da memória. Mas quem, das novas gerações, sabe quem é, e o que fez Robert Wilson? Quem é que sabe que muito daquilo que é um dado adquirido nas artes cénicas — fragmentação temática e discursiva, tratamento e importância da

imagem, reflexões sobre ritmos narrativos, reformulação do trabalho do ator, da linguagem cenográfica, do desenho de luz, do universo sonoro, da iluminação — é resultado daquilo que ele foi fazendo, inventando, sedimentando, nas últimas décadas? “Mary Said What She Said” (CCB, Lisboa, 12 e 13 de julho), com texto

Juni Dahr em “Joan of Arc”;
e o elenco de “O Sonho”,
encenado por Carlos Avilez



Isabelle Huppert em
"Mary Said What She
Said", de Robert Wilson

e ao espírito", diria uma querida e sábia mestra), é também um ato de transmissão de saber, de conhecimento, de uma maneira de criar e de fazer teatro, e uma 'escola do espectador'; é assim que se ganha aquilo com que nunca sequer tínhamos sonhado. Neste sentido, "A Boda" (Escola D. António da Costa, quinta), com que abre o Festival, é também exemplar — uma farsa de Brecht, encenada por Ricardo Aibéo, com um conjunto de atores que trabalharam longos anos com Luís Miguel Cintra, um dos grandes mestres do teatro em Portugal (e fora); e, já agora, "Que Boa Ideia, Virmos Para as Montanhas" (Teatro-Estúdio António Assunção, de 12 a 14 de julho), de Guilherme Gomes, é o caso de um conjunto de artistas, o Teatro da Cidade, que trabalharam também com Luís Miguel Cintra, mas que pertencem a uma geração muito mais nova, e refazem a sua 'herança artística' — ou partem dela — de maneira pessoal, original, diversa. Com "Un Amour Impossible" (TMJB, 7 e 8 de julho), criado a partir do romance de Christine Angot, e encenado por Célie Pauthe, é também o trabalho das atrizes, Bulle Ogier e Maria de Medeiros, que fará a felicidade de muita gente; o mesmo acontecendo com "Joan of Arc" (Seminário de S. Paulo, de 15 a 17 de julho), concebido e interpretado por Juni Dahr a partir da figura de Joana D'Arc, um solo para uma artista excepcional, que se tornou já familiar do Festival.

Mas há mais. "Macbettu" (TNDM, Lisboa, 10 e 11 de julho), encenado por Alessandro Serra, ou seja, "Macbeth", de Shakespeare, em língua da Sardenha, uma primeira vez em Portugal; "Saison Sèche" (TMJB, 13 e 14 de julho), de Phia Ménard e Jean-Luc Beaujault, que coreografa

No ano em que passa o centenário do seu nascimento, haverá um colóquio em torno da vida e da obra de Primo Levi e um espetáculo a partir do seu livro "Se Isto É Um Homem"

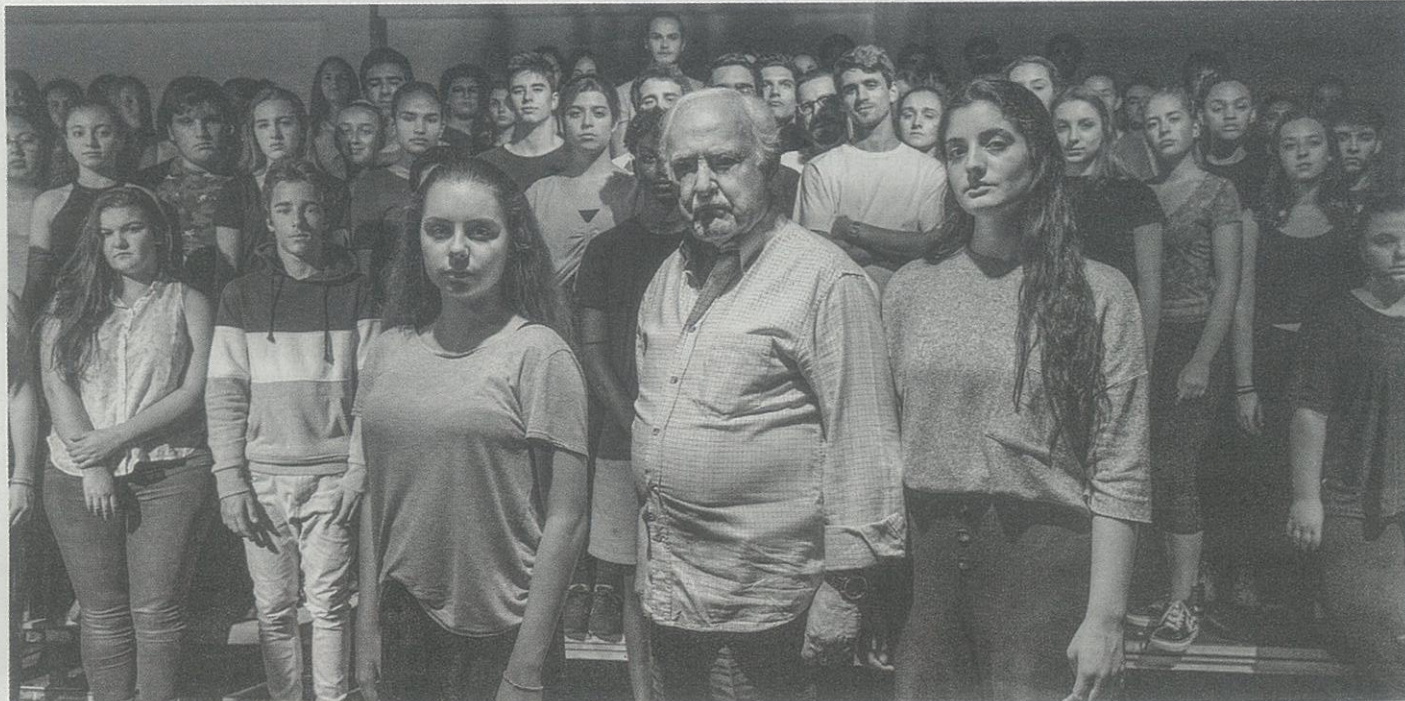
uma teia de ações cénicas tão sofisticadas quanto problematizantes, em torno de relações de poder; ou ainda "Franito" (Escola D. António da Costa, 6 de julho), numa encenação de Patrice Thibaud e Jean-Marc Bihour, que junta teatro, música e dança, revisitando e redescrivendo o universo do flamenco e das relações familiares da latinidade, com um músico, um ator e um bailador. Este ano, o Festival homenageia Carlos Avilez. Foi ator na companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, dirigiu o CITAC, fundou o Teatro Experimental de Cascais, criou a Escola Profissional de Teatro de Cascais, dirigiu os Teatros D. Maria II, em Lisboa, e S. João, no Porto, e continua a encenar. No âmbito do Festival, estreia o seu último espetáculo, "O Sonho", de Strindberg (TMMC, Cascais, de 5 a 18 de julho). E são-lhe dedicadas duas exposições, "O Gabinete Optimista

— Para Carlos Avilez", e "Gabinete de Memórias e Curiosidades Com Vista Para o Palco — Vida e Obra de Carlos Avilez", ambas com conceção de José Manuel Castanheira.

E estamos já a um passo daquilo que é um dos aspetos mais importantes do Festival, tudo aquilo que não é espetáculo de teatro, de dança, ou de música. Chamam-lhe Atos Complementares; seja; são já praticamente tão importantes como os espetáculos, integram o mesmo universo, mesmo quando parece estarem a afastar-se ligeiramente; é o caso do encontro "As Palavras e o Mundo na Herança de Primo Levi" (Casa da Cerca, 13 de julho), um colóquio realizado em torno da vida e da obra do escritor no ano em que passa o centenário do seu nascimento; tem apoio do Centro Internacional de Estudos Primo Levi e do Instituto Italiano de Cultura em Lisboa, conta com participantes que falarão da vida e da obra do escritor e, necessariamente, das questões do nazismo e tudo o mais que o assunto propicia; e haverá, ainda, um espetáculo concebido a partir do seu livro "Se Isto É Um Homem" (TMJB, de 5 a 18 de julho), a tremenda experiência do autor em Auschwitz, com dramaturgia e encenação de Rogério de Carvalho. Para profissionais de teatro haverá um seminário orientado por Hajo Schüller, dos Familie Flöz (que regressam ao Festival com o sensacional espetáculo "Dr. Nest", que o público obrigou este ano a 'bisar' — Escola D. António da Costa, 14 de julho), sobre teatro e máscara. Há as conversas com os artistas, na esplanada, ao fim da tarde. E Luís Lázaro Mattos, autor do cartaz deste ano, tem uma exposição chamada "Zoo"; as paredes da sala de exposições estão cobertas por belíssimos desenhos a carvão, sugestões de uma Londres enevoada, enfumarada e esfumada, e das quais se desprende a referência a essa outra figura mestra, Oscar Wilde; voltamos aos escritores, aos poetas, aos artistas, às paixões, às discussões, às crianças e adultos, ao ouro e ao dinheiro, e ao fim deste espaço: o Festival Internacional de Teatro de Almada tem bastante mais do que aqui foi dito. ●

de Darryl Pinckney, é um solo que Wilson criou recentemente, e Isabelle Huppert a sua extraordinária intérprete, como foi antes em "Orlando", a partir de Virginia Woolf, e em "Quartett", de Heiner Müller. Ver um espetáculo de Wilson, se em primeiro lugar é um imenso prazer para os sentidos ("faz bem ao corpo

LUCIE JANSCH



RICARDO RODRIGUES

36º FESTIVAL DE ALMADA

Vários locais, Almada, Lisboa e Cascais,
de 4 a 18 de julho
ctalmada.pt